

Pesquivivência: reinventar a produção científica, da América Latina, com base numa perspectiva endógena

Cláudia Maria Serino Lacerda Muniz¹
Denise Rosana Silva Moraes²
Samuel Cabanha³

Resumo

Esta pesquisa visa contribuir para pensar as concepções teórico-metodológicas sulinas numa ruptura com a dependência epistêmica do Norte Global, historicamente privilegiado e condutor do conhecimento universal. As reflexões se amparam nos indícios de que as Ciências Sociais enfrentam uma crise de paradigma, não dando mais conta de responder à problemática das diferenças, geopoliticamente construídas, que afetam o mundo, especialmente a América Latina, objeto desta discussão. Logo, faz-se necessário pensar epistemologias outras, contextualizadas, abdicando-se da cultura de importação teórica, do Norte Global, cujo “lugar de fala” não é próprio do Sul. Assim, tem-se como questão “suleadora” (conduzida desde o Sul Global, com foco na América Latina, e não desde o Norte Global, dominante): porque pensar e desenvolver metodologias de pesquisa desde (e para) a América Latina? As análises se orientam por sendas interdisciplinares, de abordagem qualitativa, combinando reflexão teórica e o diálogo equitativo entre as abordagens do Sul e do Norte, a partir das contribuições dos(as) autores(as) Aníbal Quijano, Boaventura de Sousa Santos, Catherine Walsh, Djamila Ribeiro, Edgardo Lander, Walter Mignolo, Pierre Bourdieu, Clifford Geertz, entre outros. Os resultados apontam que a “pesquivivência” – sustentada com base nos conceitos de “ecologia dos saberes” e “desobediência epistêmica” – pode ser uma alternativa para responder às problemáticas a que estamos afetados, de caráter endógeno (local e situado), sem a necessidade de ruptura, radical, com as epistemologias nortenhas, que passam a ser investigadas em diálogo horizontal com as teorias latino-americanas.

Palavras-chave: América Latina; Epistemologia; Giro decolonial; Metodologia científica; Pesquivivência.

1. Introdução

Em cada período histórico, observa-se a pretensão de determinado povo em assumir a responsabilidade pela condução do conhecimento universal, privilégio que passou, continuamente, segundo registros históricos, dos asiáticos para os gregos, depois aos romanos e, finalmente, aos povos germânicos. Em consequência, tem-se estabelecido, ao longo da história, modelos hegemônicos de produção do conhecimento, predominando, atualmente, o paradigma constituído a partir da revolução científica do século XVI – a ciência moderna, de base positivista.

1Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras (PPGSCF), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, Campus de Foz do Iguaçu, PR, Brasil. E-mail: claudialacerda84@gmail.com - ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0330-8882>

2 Professora Adjunta no Centro de Educação, Letras e Saúde (CELS), e Professora do Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras (PPGSCF), Nível Mestrado e Doutorado, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, Campus de Foz do Iguaçu, PR, Brasil. E-mail: denisepedagoga@gmail.com - ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2991-0214>.

3 Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras (PPGSCF), Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, Campus de Foz do Iguaçu, PR, Brasil. Psicólogo e Docente no Centro de Ciências Sociais Aplicadas (CCSA), nos cursos de Administração, Direito e Ciências Contábeis, UNIOESTE, Campus de Foz do Iguaçu. Paraná, Brasil. E-mail: samuelpcabanha72@gmail.com - ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3706-7762>

Mas assim como ocorreu com os modelos anteriores, a ordem científica atual parece enfrentar uma crise existencial, especialmente no campo das Ciências Sociais que não podem sucumbir a leis universais, pelo seu caráter subjetivo – apreender os fenômenos sociais como historicamente condicionados e culturalmente determinados. Outra razão para a instabilidade do paradigma científico vigente está associada ao surgimento de novas forças emancipadoras no interior das nações que, em determinado período histórico, assumiram a condição de colônias dos povos europeus, construindo com esses uma relação de dependência econômica, tecnológica, cultural e epistêmica.

É sobre esta última forma de colonialidade – epistêmica – que propomos reflexão, direcionando o olhar para os países do Sul Global, especialmente da América Latina. O intuito é contribuir com outros estudos, já em andamento, para pensar alternativas teórico-metodológicas que busquem desconstruir a narrativa hegemônica atual, segundo a qual o saber nasce com o homem europeu (ou estadunidense, reproduzidor do colonialismo nas Américas), relegando os demais conhecimentos fora dos padrões eurocêntricos/“nortecêntricos”, conforme pontua Santos (2018b, p. 93), à condição de senso comum: particularidade, primitividade e folclorização.

As discussões propostas foram motivadas pelas experiências de aprendizagem compartilhadas durante a participação no Seminário Internacional, virtual, “Hacer ciencias sociales desde América Latina: enseñanza e investigación”, proposto pela Universidade La Salle – Canoas/RS, no primeiro semestre de 2022, em parceria com docentes de várias universidades da América Latina: Gilberto Ferreira (Universidad La Salle/BR); Silvia Valiente (Universidad Nacional de Catamarca/AR); Rafael Sandoval Álvarez (Universidad de Guadalajara/MX); Myriam Zapata (Universidad La Salle/Bogotá-CO) e Tereza Maria Spyer Dulci (Universidade Federal da Integração Latino-americana/UNILA/BR). Contribuíram ainda para as reflexões os debates estabelecidos, no primeiro semestre de 2021, na disciplina “Território e descolonização do conhecimento: interdisciplinaridade e práxis territorial”, ministrada pelo intelectual alternativo, Marco Aurelio Saquet, docente do Programa de Pós-graduação, Interdisciplinar, em Sociedade, Cultura e Fronteiras, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), *Campus* de Foz do Iguaçu-PR.

Assumindo uma postura especulativa e antipositivista – contrária à neutralidade epistêmica e à universalização de um único modelo científico – propomos, pois, uma reflexão original, militando pela valorização de todo tipo de conhecimento e pela eliminação das fronteiras entre o senso comum e a pesquisa científica. Logo, em diálogo com teóricos(as) emergentes – Aníbal Quijano, Boaventura de Sousa Santos, Catherine Walsh, Djamila

Ribeiro, Edgardo Lander, Walter Mignolo, entre outros⁴ –, defendemos como necessárias novas concepções teórico-metodológicas que contribuam para reposicionar a América Latina na geopolítica internacional do conhecimento, partindo da premissa de que todo conhecimento é, ao mesmo tempo, local e total – demandando um olhar interdisciplinar, conforme pontuam Claude Raynaut e Magda Zanoni (2011).

Por esta razão, buscamos discutir a crise atual das Ciências Sociais a partir do nosso “lugar de fala” – termo proposto por Djamila Ribeiro (2017, p. 83-85) para fazer referência ao lugar social de prática discursiva, associada a experiências sociais específicas, e ao protagonismo de fala de quem vivencia a experiência investigada – em diálogo horizontal com os(as) autores(as) recorridos(as). Defendemos ainda que um objeto de pesquisa, para ser eficaz, deve transcender o interesse individual do(a) pesquisador(a), demandando construção coletiva e interesse comunitário. Nesse sentido, insistimos que, antes de ser científica, uma pesquisa deve buscar transformar a realidade (e ser influenciada por ela), abdicando-se de verdades prontas e da reprodução de métodos desenvolvidos para outros contextos.

É com base nesta compreensão que emerge a ideia da “pesquivivência” – um horizonte de pesquisa que tem como alvo as problemáticas endógenas (locais e regionais), sem ignorar o contexto global (MUNIZ, 2023, n.p). Tal proposição requer o compromisso do(a) pesquisador(a) com as necessidades reais identificadas no local de intervenção, sendo bem-vindos os diagnósticos coletivos e o acolhimento de vozes silenciadas, nascidas em contextos de luta – que sempre produziram conhecimento, porém sem o devido reconhecimento no âmbito institucional, acadêmico, como pontua Santos (2020).

Assim, esforçamo-nos para sustentar, na terceira seção deste texto, a alternativa metodológica apresentada – que associa ciência e senso comum sem recair na dicotomia do verdadeiro ou falso – dialogando, principalmente, com Boaventura de Sousa Santos, precursor das Epistemologias do Sul, e com Walter Mignolo, teórico decolonial. Para tanto, valemo-nos dos conceitos de “ecologia dos saberes” e “desobediência epistêmica”, termos propostos, respectivamente, por ambos os autores (SANTOS, 2018a, 2010; MIGNOLO, 2010).

Esta reflexão, contudo, não ocorre de maneira apartada das abordagens nortenhas, pois não se pretende uma ruptura radical com o Norte Global, mas um debate horizontal com as epistemologias emergentes na América Latina. Assim, além de dialogar com o intelectual, português, Boaventura de Sousa Santos – que, apesar de europeu, reside na periferia da

4 Por opção metodológica, e com a intenção de dar visibilidade aos(às) teóricos(as) que se situam fora do Norte Global, os(as) autores(as) referenciados(as) neste ensaio terão seus nomes integralmente registrados(as), quando citados(as) pela primeira vez.

Europa e tem o Sul Global, onde ele se insere ideologicamente, como lugar de “episteme” – discutimos também, nos pontos em que há convergência, com Pierre Bourdieu (francês) e Clifford Geertz (estadunidense), servindo-nos de concepções relevantes para a compreensão do projeto decolonial.

Para evitar incoerências, adiantamos que utilizaremos a expressão “decolonial” somente quando estivermos nos referindo à abordagem epistêmica. Nos demais contextos manteremos o “s” – e a grafia “descolonizar” – sempre que a palavra representar uma ação, visando valorizar as identidades linguísticas da América Latina. Tal decisão se refere ao fato do termo – proposto por Catherine Walsh (2009), militante estadunidense – ter se constituído com a mesma grafia do inglês (a intelectual propôs que fosse suprimido o “s” da expressão para indicar que não se pretende superar o momento colonial pelo pós-colonial, mas provocar um posicionamento contínuo de insurgir, marcando uma distinção em relação à palavra descolonizar, no seu sentido clássico). Assim, manteremos, de maneira respeitosa, a propositura de Walsh, em alternância com a nossa opção pelo “descolonial”.

Acrescentamos que as discussões empreendidas neste texto não resultam de estudo empírico específico, mas de reflexões provenientes de uma relação produtiva com o campo de pesquisa, propiciada pela escrita de nossas teses de doutoramento e pelas trocas de aprendizagem estabelecidas em seminários e disciplinas, sem ignorar as contribuições recebidas do grupo de pesquisa “Descolonizando as Relações Internacionais”, da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA).

2. Crise das ciências sociais e globalização contra-hegemônica

A ciência moderna construiu um espaço fundamental para o desenvolvimento político e material da humanidade e produziu um discurso abrangente que ultrapassa fronteiras e diferenças culturais. Contudo, mantém em sua essência uma hegemonia nortecêntrica, que atua em favor de uma “Outridade”, a partir da produção de políticas e tecnologias sociais de não reconhecimento do Outro como sujeito, silenciando vozes e desautorizando possibilidades de outras concepções de mundo, conforme pontua Grada Kilomba (2019, p. 78).

Como herança da colonização europeia, essa prática de dominação cultural tem na monopolização da verdade coletiva – apresentada como neutra, legítima, democrática e desinteressada – a origem última daquilo que Pierre Bourdieu (2008) chama de violência simbólica. E é no contexto das instituições, neste caso específico das educacionais, que os casos concretos de reprodução dessa violência adquirem visibilidade em atitudes como: preservação cultural, reprodução epistêmica e unificação teórica.

Por esta razão, a ciência moderna, constituída a partir da revolução científica do século XVI, enfrenta uma crise de paradigma, não dando mais conta de responder à problemática das diferenças, geopoliticamente construídas, que afetam o mundo, especialmente os países do Sul Global – Sul epistemológico e não mais geográfico, como pontua Santos (2018a).

Essa crise é resultado, em parte, de novas forças emancipadoras semeadas, na América Latina, no século XX, designadas por Santos (1995) de “globalização contra-hegemônica”, que surgem em resposta ao colonialismo global e interno – este último, reproduzido pelos Estados Unidos, nas Américas, como herança da colonização europeia, sob o disfarce de globalização econômica.

O processo de empreendimento de crítica ao paradigma da ciência moderna, com base no processo histórico da colonialidade exercida na América Latina, deu visibilidade a alguns(mas) teóricos(as) insurgentes, no final da década de 1980 – Aníbal Quijano, Walter Mignolo, Edgardo Lander, dentre outros – consolidando aquilo que, atualmente, denomina-se de “pensamento decolonial”.

Esse movimento epistemológico foi fundamental para a renovação das Ciências Sociais na América Latina, no século XXI, atualizando a crítica do pensamento latino-americano. O giro decolonial defende a descolonização – epistêmica, teórica e política, além de cultural, geográfica e socioeconômica – para a compreensão efetiva do mundo, privilegiando os saberes dos grupos, historicamente, silenciados.

A esse respeito, Quijano (2019) aponta que no contexto da colonialidade do poder as populações

Dominadas de todas las nuevas identidades fueron también sometidas a la hegemonia del eurocentrismo como manera de producir y de controlar las relaciones intersubjetivas, el imaginário, la memoria social y el conocimiento, sobre todo en la medida que algunos de sus sectores pudieron aprender la letra de los dominadores. Así, con el tiempo largo de la colonialidad, que aún no termina, esas poblaciones (“índia” y “negra”) fueron atrapadas entre el patrón epistemológico aborígen y el patrón eurocéntrico que, además, se fue encauzando como racionalidad instrumental o tecnocrática, en particular respecto de las relaciones sociales de poder y en las relaciones con el mundo en torno (QUIJANO, 2019, p. 337).

Assim, e considerando as ponderações do autor, para que a América Latina possa ser resignificada, com base em suas fundações mais genuínas, as investigações realizadas por seus(suas) respectivos(as) teóricos(as) necessitam ser dotadas, também, de conhecimento genuíno. Em vez de importar epistemologias nortenhas, construídas para outros contextos, faz-se necessário edificar um conhecimento próprio, contextual, que considere a luta das

vítimas do colonialismo reproduzido por grupos, locais e regionais, com maior capital acumulado (político, econômico ou cultural).

Neste ponto, é possível ir ao encontro das abordagens de Clifford Geertz (2014), quando o autor realiza crítica às macroteorias explicativas, sobre a cultura, propondo um movimento interpretativo que objetive explicar os fenômenos sociais com base em uma estrutura local de saber. Embora pautado por outras concepções e territorialidades, e por período histórico distinto, é possível identificar nesse autor uma postura humana, antes de ser científica, frente aos saberes cotidianos e contextuais, que ele considera como possuidores de alto nível de validade para a compreensão dos problemas locais.

É com base nesta premissa que desenvolvemos a ideia central deste artigo – a “pesquivivência” – como alternativa teórico-metodológica possível ao enfrentamento da dependência epistêmica da América Latina, em relação ao Norte Global. Para tanto, utilizamo-nos dos conceitos de “ecologia dos saberes” e “desobediência epistêmica”, propondo pensar os problemas latino-americanos em diálogo horizontal com as teorias nortenhas, considerando as demandas locais identificadas. É disso que trataremos na próxima seção.

3. Reinventar a produção científica, da América Latina, desde uma perspectiva vivencial e local

Reinventar a maneira como produzimos conhecimento na América Latina não significa propor um novo método, universal, que tenha como base a “descolonialidade” – algo que seria contraditório à proposta de emancipação dos povos subalternizados, ao longo da história – mas pensar alternativas de combate à uniformidade que considerem os saberes contextuais e libertários.

Isso implica, necessariamente, na desnaturalização das concepções de mundo, da América Latina, de herança nortenha, e na rejeição do paradigma de império, do Norte Global, que classifica o mundo socialmente com base na ideia de “raça”.

De acordo com Quijano (2014), foi com base nesse argumento, da racialização, que o colonizador europeu dominou e explorou a América, em atendimento às demandas do capital, a partir de 1492, data da invasão do continente e marco das teorizações decoloniais.

Tal parâmetro orientou a racionalização do trabalho, que combinou distintas formas, históricas, de controle laboral, de acordo com a hierarquia racial, para atender o mercado global: escravidão, servidão, regime salarial etc. Assim, o trabalho penoso, de menor prestígio

social, foi atribuído aos não europeus e o trabalho assalariado, de maior reconhecimento, facultado aos considerados, racialmente, superiores.

Essa hierarquização – sustentada pela “colonialidade do poder” (QUIJANO, 2009, p. 105-106) – que classifica, racialmente, o mundo, permanece até os dias atuais, nos diversos campos da vida social, estruturada em associação com duas outras colonialidades – além da colonialidade do poder – dividindo o mundo entre “países desenvolvidos e em desenvolvimento”: a “colonialidade do saber” e a “colonialidade do ser”.

A “colonialidade do saber” revela, como lembra Edgardo Lander (2005), que para além da herança nortenha, de injustiça e desigualdade sociais, há uma naturalização, epistemológica, do eurocentrismo e estadunidismo, na América Latina, que impede que seus(suas) respectivos(as) teóricos(as) possam compreender as problemáticas, a que estão afetos(as), com base nas experiências e nos conhecimentos que lhes são próprios. Assim, reproduz-se uma epistemologia nortecêntrica – branca, patriarcal e cristã – tomada como parâmetro, universal, para a condução de conhecimentos válidos.

Em consequência, cria-se uma identidade estigmatizada para os povos latino-americanos – a “colonialidade do ser”. Esse termo, utilizado por Mignolo (2005), faz referência à internalização da subalternidade e à negação do “Outro”, como herança da dominação colonial que naturalizou saberes, linguagens, memórias, imaginários etc.

Assim, para reinventar o paradigma de produção do conhecimento, e pensar alternativas teórico-metodológicas contra-hegemônicas, faz-se necessário romper com os pensamentos coloniais gravados e reproduzidos no imaginário dos povos da América Latina desde o início do colonialismo no continente.

Como já mencionado, não existem receitas prontas para isso, mas alguns caminhos que contribuem para o fortalecimento de concepções emancipadoras, que podem ser trilhados por meio da materialização de conceitos, como “ecologia dos saberes” e “desobediência epistêmica” (SANTOS, 2018 e 2010; MIGNOLO, 2010).

A “ecologia dos saberes” diz respeito, conforme Santos (2018, p. 224), ao exercício de justiça cognitiva que assegura a todas as vozes o direito de expressão, em nível de equidade, por meio do interconhecimento, da mediação e de alianças coletivas. Propõe o uso do conhecimento científico de forma contra-hegemônica, destronando a centralidade da racionalidade científica para, posteriormente, propor um trabalho de investigação que considere o senso comum, os movimentos sociais e a não separação entre aquilo que está dentro e fora do laboratório. Implica reconhecer, como pontua Santos (2020):

O conjunto dos conhecimentos nascidos na luta, nas lutas anticapitalistas, anticolonialistas e antipatriarcais, lutas das mulheres, dos povos quilombolas, dos povos indígenas, dos povos colonizados, dos trabalhadores, que ao lutarem sempre usaram e produziram conhecimentos e esses conhecimentos nunca foram reconhecidos como tal. Portanto, é uma tentativa de captar esse processo de conhecimento que nasce na própria luta e no viver na luta contra a opressão (SANTOS, 2020, não paginado).

Este conceito – “ecologia dos saberes” – coaduna com a proposta de “desobediência epistêmica”, de Mignolo (2010), que sugere o combate permanente da colonialidade do saber, no território da América Latina, estruturado por violências simbólicas. O termo faz referência à necessidade de ruptura com o padrão epistêmico nortecêntrico, propondo um movimento investigativo respaldado em conteúdos éticos, autônomos e coerentes com as demandas locais de transformação. Exige uma nova forma – necessária – de interpretação dos problemas latino-americanos, valendo-se de uma nova historiografia, desde (e para) as experiências do Sul.

Logo, não cabe ao(a) pesquisador(a), que deseja à emancipação teórico-metodológica, permanecer enclausurado(a) no “laboratório de pesquisa”, importando teorias e produzindo pesquisas de caráter meramente técnico e produtivista, como assinala Rita Segato (2015). É necessário dirigir-se ao mundo, aos temas de sua época, utilizando o ofício de investigador(a) para responder às problemáticas de seu tempo, local e regional, em debate horizontal com o contexto global. Implica dedicar tempo de pesquisa, em nível de equidade, tanto à atividade de investigação quanto ao trabalho junto às comunidades demandantes, sem as quais toda e qualquer pesquisa redundaria, meramente, em retórica.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, buscamos – dentro das possibilidades e de acordo com os meios disponíveis – considerar as demandas coletivas por novos horizontes de investigação, transcendendo os “muros” da Universidade desde onde realizamos nossas indagações. Assim, e tendo como premissa a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, esforçamo-nos para assumir uma postura contra-hegêmica, desvinculando-se da matriz colonial – ainda que não plenamente – em nossa forma de pensar e escrever, mesmo correndo o risco de recusa e não publicação de nossas reflexões.

Embora as discussões empreendidas não resultem, diretamente, do envolvimento com a comunidade local e regional, externa ao ambiente universitário, o diagnóstico sobre a relevância do assunto foi construído coletivamente, em atividades de pesquisa e extensão realizadas em alternância com as disciplinas ofertadas pelo Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Sociedade, Cultura e Fronteiras. Foram bastante ricas as contribuições recebidas durante o Seminário Internacional, virtual, “Hacer ciencias sociales desde América

Latina: enseñanza e investigación”, do qual participaram docentes, discentes e profissionais técnicos(as) da educação de várias regiões da América Latina – todos(a) interessados(as) na aprendizagem de caminhos alternativos de investigação.

Também foram importantes as contribuições recebidas, em reuniões virtuais, do grupo de pesquisa “Descolonizando as Relações Internacionais”, da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Constituído por professores(as), alunos(as) e pesquisadores(as) técnicos(as) de várias regiões e universidades da América Latina, o grupo tornou mais próximas as nossas fronteiras e supriu (em parte) a necessidade de contato, efetivo, com a comunidade de interesse, ratificando a demanda latente pelo tema. Além disso, o grupo possibilitou o conhecimento de reivindicações externas ao meio acadêmico, compartilhadas pelos(as) respectivos(as) participantes, que coadunam com as reflexões propostas. Trata-se da premência pelo reconhecimento de outros saberes, sem recair na dualidade do verdadeiro ou falso, considerando o senso comum e os movimentos sociais, sem separação entre aquilo que se produz dentro e fora do laboratório.

Distinguimo-nos dos(as) demais pesquisadores(as), com os quais discutimos em sala de aula, seminários e grupos de pesquisa, por propormos um diálogo horizontal com as abordagens do Norte Global, sem a necessidade de ruptura, radical, com aquilo que já foi construindo – porém tendo sempre em mente que as abordagens são territorializadas e contextuais.

4. Considerações finais

Diante das discussões empreendidas, em diálogo com os(as) autores(as) recorridos(as), ratificamos os apontamentos realizados no início desta reflexão – e aprofundados ao longo do texto – em torno da necessidade de novos horizontes metodológicos de pesquisa – idealizados desde (e para) a América Latina – conforme o caminho alternativo apresentado, aqui denominado de “pesquivivência”.

No nosso entendimento, a “pesquivivência” – sustentada com base nos conceitos de “ecologia dos saberes” e “desobediência epistêmica” – pode ser uma alternativa ao enfrentamento da aparente crise existencial das Ciências Sociais positivistas, contribuindo para responder as problemáticas a que estamos afetos, de caráter endógeno (local e situado).

Não se trata, contudo, de uma negação epistemológica daquilo que já foi construído, mas de reconhecer que os primeiros esforços de descolonização não foram plenos –

limitando-se a questões geográficas e jurídicas (não isentas de colonialidade) – demandando a reorientação epistêmica de nossos olhares, desde um Sul Global geográfico e epistemológico.

Implica, pois, reinventar a Universidade Latino-americana e romper com os padrões orientativos – e fragmentados – das atividades de ensino, pesquisa e extensão, propostos desde uma perspectiva eurocêntrica e nortecêntrica, estabelecendo articulações – locais, regionais e globais – com grupos e investigadores(as) que compartilham objetivos emancipatórios comuns.

Trata-se de um compromisso árduo e diário, de desvelar as violências simbólicas que subjazem na estrutura das instituições de ensino latino-americanas, exigindo do(a) pesquisador(a) uma postura insurgente, descolonizada e comprometida com a transformação social. Requer a valorização das experiências e saberes sulinos – associando ciência e senso comum – sem a necessidade de ruptura, radical, com as epistemologias nortenhas, que passam a ser investigadas em diálogo horizontal com as teorias latino-americanas.

Referências

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política [online]*, n° 11. Brasília, maio-agosto de 2013, p. 89-117. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/DxkN3kQ3XdYYPbwwXH55jhy/abstract/?lang=pt>. Acesso em 01 dez. 2022.

BARBOSA, Emanuelle de Souza. *Marcas da colonialidade nos discursos de documentos oficiais na política de inserção de tecnologias digitais de informação e comunicação na educação básica*. Dissertação (Mestrado em Educação Contemporânea). Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea, UFP, Caruaru-PE, 2016.

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das trocas linguísticas*. São Paulo: EDUSP, 2008.

GEERTZ, Clifford. *O senso comum como um sistema cultural. O Saber Local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis-RJ, Editora Vozes, 2014. p.77-98.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GUERRA, Luiz Antonio. *Pós-colonialismo*. InfoEscola: Navegando e Aprendendo, 2014. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/pos-colonialismo/>. Acesso em 5 fev. 2020.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

LANDER, Edgardo (org). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas*. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, 2005. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2591382/mod_resource/content/1/colonialidade_do_saber_eurocentrismo_ciencias_sociais.pdf . Acesso em: 01 dez. 2022.

MARTINS, Paulo Henrique; BENZAQUEN, Júlia Figueredo. *Uma proposta de matriz metodológica para os estudos descoloniais*. Cadernos de Ciências Sociais da UFRPE, Recife, vol. II, n. 11, ago/dez, 2017. Disponível em: <https://www.journals.ufrpe.br/index.php/cadernosdecienciassociais/article/view/1882> - Acesso em: 13 nov. 2022.

MATA, Inocência. *Estudos pós-coloniais: Desconstruindo genealogias eurocêntricas*. Civitas, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 27-42, jan-abr. 2014. Dossiê: Diálogos do Sul. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/16185> . Acesso em: 11 out. 2022.

MIGNOLO, Walter. *Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad*. Argentina: Ediciones del Signo, 2010.

MIGNOLO, Walter. *Delinking: The rethoric of modernity, the logic of coloniality and the grammar of de-coloniality*. Cultural studies, n. 21, v. 2-3, 2007. Disponível em: https://docs.ufpr.br/~clarissa/pdfs/DeLinking_Mignolo2007.pdf. Acesso em: 11 nov. 2021.

MIGNOLO, Walter. *La idea de América Latina. La herida colonial y la opción decolonial*. Barcelona: Gedisa, 2005.

MUNIZ, Cláudia Maria Serino Lacerda. *Descolonização em rede: insurgir, transgredir e desvelar a violência epistêmica, nas cooperações científicas sulinas, com base na experiência do COOPBRASS*. 2023. Sem número de páginas. Tese (Doutorado Interdisciplinar em Sociedade, Cultura e Fronteiras). Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, Foz do Iguaçu, 2023 (em elaboração).

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Apresentação da edição em português. In: LANDER, Edgardo (org). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas*. Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, 2005, p. 3-5. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2591382/mod_resource/content/1/colonialidade_do_saber_eurocentrismo_ciencias_sociais.pdf. Acesso em: 01 dez. 2022.

QUIJANO, Aníbal. *Ensayos en torno a la colonialidad del poder / Anibal Quijano*: compilado por Walter Mignolo. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Del Signo, 2019.

QUIJANO, Aníbal. *Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder*. Buenos Aires: CLACSO, 2014. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20140424014720/Cuestionesyhorizontes.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2022.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura; MENEZES, Maria Paula (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Almedina, 2009, p. 105-115. Disponível em: <https://ayalaboratorio.files.wordpress.com/2017/09/quijano-anibal-colonialidade-do-poder-e-classificac3a7c3a3o-social.pdf>. Acesso em: 11 Jul. 2022.

RAYNAUT, Claude; ZANONI, Magda. Reflexões sobre princípios de uma prática interdisciplinar na pesquisa e no ensino superior. In: PHILLIPI JUNIOR, Arlindo; SILVA NETO, Antônio. *Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia e inovação*. Barueri, SP: Manole, 2011. p. 143-208.

RIBEIRO, D. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SADER, Emir. Pós-neoliberalismo na América Latina. In: Paulo Henrique Martins e Cibele Rodrigues (Orgs.). *Fronteiras abertas da América Latina: Diálogo na ALAS*. Recife: Ed. da UFPE, 2012, p. 205-217.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Epistemologia do Sul*. Entrevistador: Cleyton Andrade. São Paulo: Boletim DOBRADIÇA, 2020. Não paginado. Disponível em: <https://www.ebp.org.br/epistemologias-do-sul/>. Acesso em: 01 out. 2023.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Construindo as Epistemologias do Sul: Antologia Esencial. Para um pensamento alternativo de alternativas*. Compilado por Maria Paula Meneses... [et al.], Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO, 2018a. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/j.ctvt6rkt3>. Acesso em: 11 jul. 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Na oficina do sociólogo artesão*. São Paulo: Cortez, 2018b.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Toward a New Common Sense: Law, Science and Politics in the Paradigmatic Transition*. Nova Iorque: Routledge, 1995.

SEGATO, Rita Laura. *La crítica de la decolonialidad en 8 ensayos y una antropología por demanda*. Prometeo Libros: Buenos Aires, 2015.

WALSH, Catherine. (Ed.). *Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir*. Tomo I. Quito: Ediciones Abya-Yala, 2013.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, Vera Maria (org.). *Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. p. 12-43. Disponível em: <https://document.onl/documents/walsh-catherine-interculturalidade-critica-e-pedagogia-decolonial.html?page=2>. Acesso em: 11 mai. 2022.

WALSH, Catherine. *Interculturalidad, Plurinacionalidad y Decolonialidad: Las Insurgencias Político-Epistémicas de Refundar el Estado*. Tabula Rasa. Bogotá, n° 9, jul./dic. 2008, p. 131-152. Disponível em: <https://revistas.unicolmayor.edu.co/index.php/tabularasa/article/view/1498>. Acesso em: 07 mai. 2022.

Pesquivivência: reinventando la producción científica, desde América Latina, basada en una perspectiva experimentada

Resumen

Esta investigación tiene como objetivo contribuir a pensar las concepciones teórico-metodológicas del sur en una ruptura con la dependencia epistémica del Norte Global, históricamente privilegiado y conductor del conocimiento universal. Las reflexiones se sustentan en los indicios de que las Ciencias Sociales enfrentan una crisis de paradigma, no pudiendo ya dar respuesta a los problemas de diferencias, geopolíticamente construidas, que afectan al mundo, especialmente a América Latina, objeto de esta discusión. Por tanto, es necesario pensar en otras epistemologías, contextualizadas, renunciando a la cultura de trascendencia teórica, del Norte Global, cuyo lugar de discurso no es propio del Sur. Así, la siguiente pregunta “saladora” (realizada desde el Sur Global, con enfoque en América Latina, y no desde el Norte Global dominante) es: ¿por qué pensar y desarrollar? metodologías de investigación desde (y hacia) América Latina? Los análisis se guían por caminos interdisciplinarios, con enfoque cualitativo, combinando la reflexión teórica y el diálogo equitativo entre los enfoques del Sur y del Norte, a partir de los aportes de los autores Aníbal Quijano, Boaventura de Sousa Santos, Catherine Walsh, Djamila Ribeiro, Edgardo Lander, Walter Mignolo, Pierre Bourdieu, Clifford Geertz, entre otros. Los resultados indican que la “pesquivivência” – idealizada a partir de los conceptos de “ecología del conocimiento” y “desobediencia epistémica” – puede ser una alternativa para responder a los problemas que enfrentamos, de carácter endógeno (local y situado), sin necesidad de una ruptura radical con las epistemologías del norte, que comienzan a ser investigadas en diálogo horizontal con las teorías latinoamericanas.

Palabras Clave: América Latina; epistemología; giro decolonial; metodología científica; “pesquivivência”.

Pesquivivência: reinventing scientific production, from Latin America, based on an experienced perspective

Abstract

This research aims to contribute to thinking about the southern theoretical-methodological conceptions in a rupture with the epistemic dependence of the Global North, historically privileged and conductor of universal knowledge. The reflections are based on evidence that the Social Sciences are facing a paradigm crisis, no longer being able to respond to the problem of differences, geopolitically constructed, that affect the world, especially Latin America, the object of this discussion. Therefore, it is necessary to think about other epistemologies, contextualized, abdicating the culture of theoretical import, from the Global North, whose place of speech is not typical of the South. Thus, the guiding question (conducted from the Global South, with a focus on Latin America, and not from the dominant Global North) is the following: why think and develop research methodologies from (and for) Latin America? The analyzes are guided by interdisciplinary paths, with a qualitative approach, combining theoretical reflection and equitable dialogue between Southern and Northern approaches, based on the contributions of the authors Aníbal Quijano, Boaventura de Sousa Santos, Catherine Walsh, Djamila Ribeiro, Edgardo Lander, Walter Mignolo, Pierre Bourdieu, Clifford Geertz, among others. The results indicate that “pesquivivência” – idealized based on the concepts of “ecology of knowledge” and “epistemic disobedience” – can be an alternative to respond to the problems we are faced with, of an endogenous (local and situated) nature, without need for a radical break with northern epistemologies, which begin to be investigated in horizontal dialogue with Latin American theories.

Keywords: Latin America; epistemology; decolonial turn; scientific methodology; “pesquivivência”.

Pesquivivência: réinventer la production scientifique, d'Amérique latine, basée sur une perspective expérimentée

Résumé

Cette recherche vise à contribuer à la réflexion sur les conceptions théorico-méthodologiques sudistes en rupture avec la dépendance épistémique du Nord Global, historiquement privilégié et conducteur de savoirs universels. Les réflexions s'appuient sur des preuves que les sciences sociales sont confrontées à une crise de paradigme, ne pouvant plus répondre au problème des différences, géopolitiquement construites, qui affectent le monde, en particulier l'Amérique latine, objet de cette discussion. Dès lors, il faut réfléchir à d'autres épistémologies,

contextualisées, abdiquant la culture d'import théorique, du Nord Global, dont le lieu de parole n'est pas typique du Sud. Ainsi, la question directrice (mené depuis le Sud, en mettant l'accent sur l'Amérique latine, et non depuis le Nord dominant) est la suivante: pourquoi penser et développer des méthodologies de recherche depuis (et pour) l'Amérique latine? Les analyses sont guidées par des parcours interdisciplinaires, avec une approche qualitative, alliant réflexion théorique et dialogue équitable entre approches du Sud et du Nord, basées sur les contributions des auteurs Aníbal Quijano, Boaventura de Sousa Santos, Catherine Walsh, Djamila Ribeiro, Edgardo Lander, Walter D. Mignolo, Pierre Bourdieu, Clifford Geertz, entre autres. Les résultats indiquent que la « pesquívivência » – idéalisée à partir des concepts de « désobéissance épistémique » et d'« écologie de la connaissance » – peut être une alternative pour répondre aux problèmes auxquels nous sommes confrontés, de nature endogène (locale et située), sans nécessité d'une rupture radicale avec les épistémologies du Nord, qui commencent à être étudiées dans le cadre d'un dialogue horizontal avec les théories latino-américaines.

Mots clés: Amérique Latine; épistémologie; virage décolonial; méthodologie scientifique; “pesquívivência”.